

# **Conferência**

## LÍNGUA E LITERATURA: UMA FALSA DICOTOMIA

Beth Brait\*

**C**omeço minha exposição com palavras do grande poeta português Fernando Pessoa que escolhi porque parecem sintetizar e possibilitar uma reflexão sobre o tema desta *IV Semana de Letras* da Universidade Mackenzie: *Língua e Literatura: uma falsa dicotomia*. Fernando Pessoa diz: *Quem não vê bem uma palavra não pode ver bem uma alma*, explicitando a relação constitutiva existente não apenas entre linguagem e vida, mas também entre língua e literatura.

E eu tomo esta frase-verso na medida em que ela possibilita pensar palavra como metonímia de língua, ou seja, uma entidade-identidade de um povo, de um tempo-espaço, de uma maneira particular de relacionamento do homem com o mundo e com os outros homens que, aqui, o poeta convida a ser vista, a ser observada com o mesmo cuidado, com a mesma proximidade, com o mesmo fino trato necessário ao observador que deseja visualizar uma alma.

Evidentemente que por *alma* podemos entender tanto a profundidade que está por trás da materialidade observável nas expressões individuais, quanto a ideologia, os valores, o diálogo polêmico ou conciliatório que existe entre os muitos discursos que um discurso, um texto, uma expressão, ou mesmo uma única palavra carregam como condição constitutiva de existência. A diversidade com que esta pala-

---

\* LAEL-PUC-SP/FFLCH-USP/CNPq.

vra – *alma* – pode ser apreendida é a prova de que sob a materialidade dos sons ou das letras agita-se um mar de significados, de significações, de sentidos que somente uma interação específica, particular, circunscrita a tempo, espaço e interlocutores poderá tentar represar, capturar, explorar enquanto memória e vida.

E mais. Essa afirmação de Fernando Pessoa, por essa leitura que começo a fazer, evidentemente me surgiu, atravessou meus pensamentos, enquanto eu refletia sobre esta minha exposição. Ela pareceu, e justamente parece neste momento, ter sido dita pelo poeta a propósito do tema que rege esta *IV Semana de Letras* e, especialmente, a respeito do fazer específico daqueles que escolheram a carreira de Letras como profissão e que estão treinando, aguçando olhos e ouvidos para uma escuta e para uma visão muito especial em relação às palavras, às diferentes maneiras como elas podem ser articuladas, com outras palavras ou com outros signos de natureza não verbal, para produzir sentidos, mostrando-se através dos mais variados gêneros, tão variados quanto são as atividades humanas.

Assim sendo, tanto a literatura, essa forma privilegiada de expressão, representação, conhecimento e invenção do homem e do mundo, como todas as outras formas, consideradas, num certo sentido, menos nobres, como é o caso da fala cotidiana, da mídia e até mesmo das interações *internéticas*, *internáuticas*, tão em voga neste momento, passam necessariamente pela língua e, conseqüentemente, mobilizam e revelam as múltiplas faces desse instrumento que, dependendo do suporte, das condições de produção, das formas de circulação e recepção, reflete e refrata as maneiras de ser, de ver e de enfrentar o mundo de uma dada comunidade em um dado momento histórico, social, cultural.

O profissional de Letras, hoje, que tem na linguagem seu instrumento, seu objeto, sua matéria-prima, terá necessariamente de estar apto, enquanto escuta e enquanto olhar, para essa multiplicidade de formas de mobilização da língua, impedido, pela própria natureza do objeto que caracteriza o seu fazer, de assumir uma possível

dicotomia entre língua e literatura, uso e criatividade, especialmente no que diz respeito ao ensino e à pesquisa.

A literatura é uma das possibilidades de exploração e utilização da língua, das palavras, para uma diversidade de fins, de propósitos os quais as teorias literárias e as teorias lingüísticas, bem como outras vertentes dos estudos das línguas e das literaturas, têm contribuído decisivamente para caracterizar, pontuando as mudanças de acordo com os diferentes momentos históricos, com os diferentes povos, com as diferentes línguas, mas sempre, apesar de todas as diferenças de gêneros e conteúdos, apontando para essa marca da natureza humana que é o fazer literário, o fazer poético, fazer em que a língua, em sua modalidade escrita ou oral, é utilizada para expressar e justificar a existência humana.

Segundo o escritor irlandês Oscar Wilde, *A literatura antecipa sempre a vida. Ela não a copia em nada, mas a molda segundo seus fins.* Essa afirmação poderia ser completada com as palavras do filósofo Hiedegger que especifica a intrínseca relação existente entre língua e literatura: *A língua é o poema original por meio do qual um povo diz o ser. Inversamente, a grande poesia, aquela pela qual um povo entra na história, é aquilo que começa a dar figura à sua língua.*

É, inicialmente, nesse sentido, que a dicotomia língua e literatura, apontada como falsa na temática que rege esta *IV Semana de Letras*, pode ser pensada. Quem aprende com a literatura, quem trabalha com a literatura, quem ensina literatura e quem desfruta o prazer e o conhecimento que ela pode trazer, naturalmente está constitutivamente ligado à língua. Como separar as duas coisas em Guimarães Rosa, em Camões, em Clarice Lispector, para ficarmos somente em três dos inúmeros manejadores de línguas, que as fazem aparecer de novo, como novas e nunca utilizadas como tal? Como estudar língua sem buscar nos inúmeros gêneros aquele que parece apropriar-se de todos os demais?

Mas esse caminho não é o único para pensarmos essa falaciosa dicotomia. Ela foi tomada como tema, imagino, porque teima em rea-

parecer, sob diferentes máscaras, como uma realidade dos cursos de Letras, aparentemente refletida e consignada na escolha que as pessoas fazem, voltando-se mais para o estudo da Língua que para o da Literatura e vice-versa. Estamos vivendo um momento em que a fragilidade dessa separação é uma evidência, quer nos cursos de Letras, quer nos caminhos profissionais para os quais esses cursos prepararam.

Para podermos observar mais de perto essa evidência, ou seja, para avaliarmos o quanto o profissional de Letras necessita despertar sua sensibilidade e aguçar suas possibilidades de ver, analisar e enfrentar o mundo a partir de sólidos e articulados conhecimentos de língua e literatura, situando-se sob uma perspectiva contemporânea, condizente com as teorias e a realidade atual, é necessário levarmos em conta uma certa historicidade da relação existente entre esses dois ramos do conhecimento que, ao mesmo tempo, são formas de expressão da individualidade e da coletividade.

Essa relação está situada, historicamente, dentro da tradição do que se estabelece, a cada época, ser um curso de Letras, consideradas as disciplinas que deverão estar aí implicadas, as formas de ensino e o conteúdo dessas disciplinas e, evidentemente, o tipo de formação e o tipo de profissional, se for o caso, que deverá resultar dessa combinatória. É, portanto, um conceito de linguagem, sua dimensão e seu alcance social que definem o perfil do ensino das Letras. Para esboçar de forma mais prática o que estou tentando dizer, vou escolher dois caminhos: o primeiro, a recuperação rápida e resumida da forma como essa relação está refletida nos currículos do século do XIX e parte do XX; e o segundo, a análise de textos, em sua dimensão verbo-visual, a partir de categorias advindas do conceito de linguagem que hoje rege os cursos de Letras e que possibilita um trânsito bastante forte entre os ensinamentos lingüísticos e literários, bem como entre textos literários e não literários, verbais e não verbais. O objetivo, nos dois casos, será recuperar alguns aspectos que demonstram diferentes maneiras de conceber a relação língua/literatura de um

ponto de vista pedagógico, acadêmico e, necessariamente, cultural e histórico.

Se voltarmos nosso olhar para o século XIX, poderemos observar, como afirma Roberto Acizelo de Souza em sua obra *O império da eloquência*<sup>1</sup>, que “Durante o século XIX, há no Brasil, ao longo de um período que coincide quase integralmente com o ciclo do Império, um grande interesse pelos estudos da retórica (a que se anexavam ou com que se confundem os de poética), interesse traduzido por várias publicações e pela inserção das disciplinas mencionadas nos currículos escolares. Observa-se, contudo, que esse interesse desaparece no final dos anos 1800, embora diversos resíduos dessa tradição se tenham conservado no século XX (Souza, 1999: 39). Para demonstrar essa afirmação, o autor vai apresentar um estudo sobre “a retórica e a poética como empreendimentos disciplinares dos discursos”, “um panorama dos estudos literários no Brasil”, “uma análise da produção oitocentista de manuais de retórica-poética, sublinhando o compromisso recíproco entre esses manuais e o sistema de ensino e, por fim, “a questão da influência da formação retórica sobre a produção literária e até sobre as condutas culturais em geral no Brasil oitocentista” (Souza, 1999: 3).

Nesse importante estudo, do qual eu lanço mão para pontuar maneiras como a relação língua/literatura pode ser concebida, há dois aspectos que nos interessam muito de perto. O primeiro deles diz respeito ao momento em que os estudos literários se consolidaram no Brasil e às posições históricas assumidas pela área de Letras no sistema de ensino brasileiro: “tendo ocupado durante o período colonial e o século XIX posição de grande destaque no ensino básico, praticamente constituindo sozinha esse nível de educação, apenas na década de 30 deste século seria admitida como área de profissionalização de nível universitário, com a implantação das Faculdades de Filosofia,

---

<sup>1</sup> SOUZA, Roberto Acizelo. *O império da eloquência*. Rio, Editora da UERJ, 1999. Esta obra está resenhada por José Luis Jobim neste número 8 da *Revista da ANPOLL*.

Ciências e Letras” (Souza, 1999: 29). Essa observação é importante na medida em que podemos dimensionar, ainda que *grosso modo* pois não cabe aqui detalhar cada momento como faz a obra de Roberto Acízelo, a constante presença, sob diferentes enfoques, do papel das letras, ou seja, da língua e da literatura, na formação dos indivíduos, dos cidadãos, dos que tinham acesso aos diferentes níveis escolares, incluindo o aparecimento tardio, no Brasil, da área de Letras como profissão.

Esse aspecto, eu sublinho justamente para recuperar a importância, a dimensão dos estudos da língua e da literatura para a formação do indivíduo e a forma como essa concepção se reflete no ensino, na constituição dos currículos, na importância, maior ou menor, dada pela sociedade brasileira, ao longo da nossa história, a esses estudos específicos e à profissão que geram. Isso porque, de uma certa maneira essas informações desfazem uma concepção corrente e atual de que os cursos de Letras são menos importantes que tantos outros para a sociedade, para a comunidade e para o conhecimento em geral.

Como segundo aspecto desse estudo a ser destacado para o interesse dessa nossa reflexão, e como consequência da primeira afirmação, o autor vai expor e examinar currículos de grandes colégios da época, como é o caso do Pedro II, no Rio de Janeiro, para demonstrar que esses colégios constituíam “verdadeiros centros universitários de letras”. Para nós, além da informação em si, interessa saber que, no século XIX, os estudos literários ocupavam um lugar de maior relevo nas estruturas curriculares, nos PCNs da época, que os estudos de língua que, sem ocupar um espaço específico nesses currículos, estavam embutidos, por assim dizer, no ensino da retórica, da estilística, a serviço de uma concepção literária e ornamental da linguagem. Como explicita Roberto Acízelo, enfatizando o destaque para o ensino da literatura, “o sistema de ensino reflete [ia] o embate entre as duas vertentes dos estudos literários (...), a historicista e a retórico-poética” (Souza, 1999: 32), e nos oferece um quadro em que resume esse embate:

Quadro n. 1

Ano \ Série	5º ano	6º ano	7º ano
1850-1857		Retórica	Retórica
1858-1859		Retórica	Retórica e Poética
1860-1861		Retórica e Poética	Retórica e Poética
1862-1869		Retórica	Poética e Literatura Nacional
1870-1876		Retórica e Poética	História da Literatura em geral e especialmente da portuguesa e da nacional
1877-1878	Retórica e Poética		Literatura
1879-1880		Retórica, Poética e Literatura Nacional	Português e Literatura Geral
1881-1891		Retórica, Poética e Literatura Nacional	Português e História Literária
1892-1894		História da Literatura Nacional	
1895		Literatura Nacional	
1896-1897			História da Literatura Nacional
1898			História da Literatura Geral e da Nacional
1899/1900	Literatura	Literatura	

Mas se essa era a situação do ensino naquele momento, refletindo concepções de língua e de literatura harmonizadas com o pensamento filosófico e pedagógico da época, o panorama começa a se alterar a partir do final do século XIX, ocorrendo, como afirma o autor, “uma mudança de proporções na partilha do campo de letras entre os estudos de língua e os de literatura, bem como a posição hierárquica ocupada por tais estudos no conjunto dos currículos” (...) “até 1878 língua portuguesa preenche espaço bastante exíguo e restrito às séries iniciais; de 1879 a 1881, não obstante seu lugar continuar limitado, ela se coloca na série mais avançada, embora conjugando-se à história literária; enfim, a partir de 1882 amplia de modo substancial o seu território no conjunto do currículo” (Souza, 1999: 98).

Com o quadro de número 4, o autor permite visualizar a posição da disciplina língua portuguesa entre os anos de 1850 e 1905, portanto entre o final da metade do século passado e o começo do XX.



Quadro n. 4

Ano \ Série	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano
1850-1857	GN						
1858-1861	P						
1862-1869	P					GF	
1870-1876	P						
1877-1878	P	P	P				
1879-1880							PLG
1881	G						PHL
1882-1891	P	P	P	P	P		PHL
1892-1894	P	P	P	P	P		
1895	P	P	P				
1896-1898	P	P	P	P	P	P	
1899-1905	P	P	P	P			

Legenda:

GN - Gramática nacional

GF - Gramática filosófica

G - Gramática

P - Português

PLG - Português e literatura geral

PHL - Português e história literária

Naturalmente, essa mudança deve ser entendida a partir dos novos paradigmas que passam a vigorar nas ciências em geral e nas Ciências Humanas em particular. O ensino das Letras não poderia ficar imune ao cientificismo que vigora a partir da segunda metade do século XIX e começo do XX. A presença bastante forte da gramática, dos estudos da língua portuguesa sintetizada no quadro 4, anuncia, e Roberto Acízelo enfatiza em sua obra, a forte presença do ensino de línguas, a dominância desse ensino, que pode ser observada especialmente de 1912 e 1925. Essa tendência de estudos das línguas ou a disciplinas voltadas para o estudo da língua tem a ver, como já assinalamos, com as mudanças na visão a respeito desses estudos, e que foram introduzidas no Brasil desde a década de 70 do século XIX pelos estudos comparativos, por estudos caracterizados como "positivismo lingüístico", inaugurando-se como se sabe o período científico da filologia.

Nas orientações que regem um dos programas destacados pelo autor, é possível flagrar a visão de ensino e de língua que, com base na orientação cientificista do momento, propõe: a “língua vernácula [deve ser ensinada] sem se deter em discussões metaphysicas e polemicas, dando assim à grammatica o cunho de uma sciencia e não mais de uma arte” (Souza, 1999: 99), o que responde, por assim dizer, às propostas da poética e da retórica, formas de conhecimento da língua mais voltadas para o bem falar, o bem se expressar. Mas a partir de 1926, a literatura retorna como disciplina autônoma.

Nessa perspectiva, poderíamos continuar e veríamos que os cursos de Letras vão moldando seus currículos, pendendo mais para a língua que para a literatura, ou vice-versa, introduzindo disciplinas voltadas para as teorias literárias e lingüísticas, refletindo, sempre e necessariamente, concepções mais gerais de linguagem, de estudos da linguagem, de direcionamentos científicos e filosóficos.

Aqui paro com as reflexões sobre os currículos, na medida em que acredito ter surpreendido características que demonstram como a dicotomia língua e literatura vai sendo tratada em função de concepções que têm muito a ver com perspectivas mais amplas, mais gerais, ligadas à filosofia, às ciências, aos paradigmas dominantes em cada momento.

E para situar o momento atual, em lugar de me apegar aos currículos, que são diversificados, mas que contemplam língua e literatura, escolhi situar o papel dos estudos da linguagem e sua interferência no trabalho com a língua e com a literatura a partir da leitura, ainda que rápida, de diferentes textos. Antes de oferecer a vocês os textos e uma possível leitura, gostaria apenas de lembrar que, nas Ciências Humanas em geral e na nossa área em particular, sempre que assumimos uma nova posição, que adotamos um novo paradigma, é impossível deixar de lado ou pelo menos deixar de dialogar com o que veio antes. Brinco sempre, mas é verdade, que quando estamos falando de língua, de literatura, de estudos lingüísticos e literários, achando que estamos inventando a pólvora ou descobrindo a fórmula da água, alguém lem-

bra como Aristóteles, por exemplo, já apontou para o mesmo aspecto de uma outra maneira. Quero dizer com isso que na nossa área não é possível assumir uma determinada posição teórica ignorando a tradição ou as tradições dos estudos da linguagem que datam dos gregos e que não podem ser descartados.

Assim, se a retórica e a poética, que dominaram durante séculos os estudos ditos de Letras tiveram uma mudança com o apagamento da retórica durante um certo tempo, causado pelo trauma dos estudos que visavam “ao embelezamento da linguagem”, “às fórmulas para o bem expressar-se”, a partir dos anos 70, agora do século XX, novas formas de compreensão da linguagem vêm integrar literatura e língua, não pelo guarda-chuva dessa dicotomia, mas por uma idéia de linguagem que abriga não apenas o reconhecimento e a valorização da variação lingüística, mas especialmente a sua abordagem a partir das categorias de texto, incluindo o verbal e o não verbal, o literário e o não literário, a norma culta e as demais normas, socorrendo-se de noções advindas dos estudos lingüísticos e literários, compreendidos entre as teorias poéticas, as teorias literárias, as teorias lingüísticas e as várias tendências da análise do texto e do discurso que, sem desprezar a materialidade lingüística, muito ao contrário, centrando-se nos estudos sobre ela, acolhem o estudo da produção de sentidos a partir de uma noção mais ampla de texto e de discurso.

Assim, a velha retórica deixa de ser uma forma de estudar ou ensinar os enfeites dos discursos para reaparecer sob a forma da *nova retórica* em que os textos e os discursos são enfrentados como “não transparentes”, “não neutros”, mas como entidades mobilizadoras de estratégias de argumentação, de persuasão, de ambigüidade, mesmo nos lugares menos esperados. Dessa forma, aspectos que pareciam próprios dos estudos dos textos literários são surpreendidos em textos não literários, não para mostrar sua beleza, mas para mostrar que a produção de efeitos de sentido não é propriedade exclusiva dos discursos literários e poéticos, mas pode estar numa primeira página de jornal ou nos discursos que a mídia veiculou sobre o Césio, em Goiânia, em que as metáforas da guerra e da doença transformam-se em pro-

gramas de produção de sentido de tal forma que o que era uma qualidade negativa do material radioativo passa a ser, por contaminação discursiva, uma propriedade de Goiânia e dos goianos, interferindo na vida dessa comunidade<sup>2</sup>. O que não é pouco e demonstra não apenas a capacidade e a atuação de determinados discursos e de suas formas de circulação, mas também o campo aberto para os profissionais das Letras, não apenas como autoridades de sala de aula, mas como cidadãos cujo instrumental de trabalho possibilita uma interferência nas formas de produção, recepção e atuação dos discursos sobre a sociedade.

O que se pode tirar dessa generalização é que a oposição binária língua-literatura perde inteiramente seu significado quando olhamos essas duas criações humanas a partir de um conceito mais amplo de linguagem, envolvendo as particularidades da língua e possibilidades de exploração e utilização dessas particularidades, considerando, repito, as formas de produção e circulação dos discursos numa dada comunidade e num dado momento, as particularidades das interações, o poder de construção da linguagem e não apenas de representação, informação e expressão.

Assim, o profissional de Letras terá que conhecer muito bem a língua, as suas variantes, a sua norma culta. Mas terá também de conhecer literatura, como uma das formas de expressar essa língua e tudo que isso pode significar. Terá ainda de estar atento às teorias da linguagem em geral para ser capaz de enfrentar textos e fazer deles seu instrumento de ver e mostrar o mundo.

Para ser um pouco menos teórica, escolhi alguns textos para explicitar um pouco essa forma de enfrentamento da linguagem que estou propondo e que a meu ver auxilia o debate central desta *IV Semana de Letras*: inicialmente, uma placa de trânsito fotografada por José Paulo Pais e que aparece na obra *Um por todos (poesia reunida)* [Brasiliense, 1986, poema de *Meia palavra*, 1973], que ajuda a entender a questão língua/literatura, literário/não literário.

<sup>2</sup> O estudo dessas metáforas é o tema da pesquisa de Regina Celeste Rocha de Barros, doutoranda da Área de Semiótica e Lingüística Geral da FFLCH/USP.



A placa de trânsito deve ser vista como um texto característico de um gênero, “o código de trânsito”, que está relacionada a uma atividade humana específica, ou seja, a utilização de determinados espaços urbanos por pedestres ou motoristas.

Nesse sentido, é um texto objetivo, claro, sem ambigüidades ou efeitos de sentido inesperados. Também poderíamos dizer que a dimensão ideológica é praticamente zero.

A mesma placa, o mesmo texto, fotografado e colocado num livro de poemas, modifica-se inteiramente. Mudam as formas de produção, as formas de circulação e as formas de recepção. O mesmo texto passa a pertencer a um outro gênero, o poético, exigindo outros leitores, construindo outros sentidos, produzindo efeitos de sentido que a memória discursiva dos anos 70 pode motivar. Considere-se, por exemplo, a seqüência *liberdade interdita*. Na placa podia e era decodificada, por pedestres e motoristas, como *Avenida Liberdade interdita ao trânsito em função de obras*, um fato perfeitamente observável na década de 70, momento da construção do Metrô e da modificação dessa avenida paulistana. No livro de poemas, o referencial de trânsito funciona como suporte para uma dicção poética irônico-crítica que constrói outros referentes a partir do interdiscurso ditatorial

que vigia naqueles pesados anos. Se a placa hoje está totalmente decolada do real, uma vez que a Avenida da Liberdade não está mais interdita ao trânsito, o poema permanece como prova não apenas da perspicácia do fotógrafo, o grande poeta brasileiro José Paulo Pais, mas da permanência de uma memória discursiva, de uma realidade cruel, a partir não de um panfleto fabricado, mas de um artefato do dia-a-dia do cotidiano dos brasileiros.

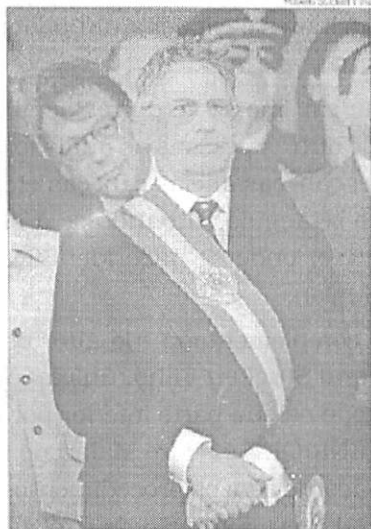
A duplicidade da leitura da seta indicando à direita para chegar ao Paraíso fica como conseqüência das mudanças sofridas pelo deslocamento do texto e das memórias discursivas invocadas.

Para dar continuidade às leituras e ao jogo da linguagem, escolhi uma seqüência de uma primeira página de um jornal carioca.

Na quarta-feira dia 8 de setembro, o jornal *O Globo* apresentou como parte de sua primeira página a seguinte notícia:

## FH cobra unidade no Governo

Na reunião ministerial de hoje, presidente tentará pôr fim às divergências



FERNANDO HENRIQUE e Pedro Malan no desfile militar em Brasília

• O presidente Fernando Henrique reúne hoje o Ministério pela primeira vez desde a reforma de julho para repetir o que antecipou ontem em solenidade comemorativa do Dia da Pátria: não há mais espaço no Governo para divisões. Com isso, espera pôr fim às divergências entre ministros, que acabaram levando à demissão de Clóvis Carvalho. "Não vamos mudar o Brasil se ficarmos nos dividindo, brigando por coisas menores", disse Fernando Henrique, que assistiu ao desfile militar ao lado do ministro Pedro Malan. O presidente concordou com uma estudante que dissera que está faltando animação no país: "Ela tem razão. A gente precisa de mais animação." O Cito dos Excluídos, protesto contra o Governo realizado em várias cidades costei, reuniu menos manifestantes que o esperado pelos organizadores. Páginas 3 a 8

*O GLOBO*, quarta-feira, 8 de dezembro de 1999 - Ano LXXV - nº 24.116 (Primeira Página)

Para efeito de análise, vamos considerar:

- a) que o gênero jornalístico notícia tem por objetivo primeiro informar e que a ambigüidade ou a produção de efeitos de sentido ambíguos, não precisos, deve estar fora dos propósitos e das formas de produção de um texto noticioso;
- b) que a notícia é percebida pelo leitor como um todo e que, portanto, será considerada como um único texto, isto é, uma unidade verbo-visual produtora de sentido, formada por cinco componentes básicos, articulados, entre outros aspectos, pela diagramação, ou seja, pela forma simétrica como estão distribuídos, justapostos no retângulo;
- c) que os componente que integram esse texto são:
  - *um título* – *FH cobra unidade no Governo*, que ocupa a parte superior do retângulo e se destaca pelo tamanho e forma das letras;
  - *um subtítulo* – Na reunião ministerial de hoje, presidente tentará por fim às divergências, que vem logo abaixo do título em letras menores e explicita um pouco mais o sentido do título;
  - *uma foto colorida* em que se vê o presidente em primeiro plano, cercado de outras pessoas as quais foram flagradas apenas em parte: cabeças, meias cabeças etc. , que ocupa a maior parte do retângulo, situando-se à esquerda, logo abaixo do subtítulo, onde se pode identificar o rosto do ministro Pedro Malan;
  - que a foto está complementada, no alto, por *um crédito*: foi feita por Roberto Stuckert Filho, única autoria identificada no conjunto; e na sua parte inferior por uma *legenda* – FERNANDO HENRIQUE e Pedro Malan no desfile militar em Brasília – de acordo com os procedimentos jornalísticos de praxe, a legenda tem a função de explicitar o assunto da foto, vindo, necessariamente, logo abaixo dela; a expli-

citação esclarece que a foto diz respeito ao dia anterior à data do jornal, ou seja, ao dia 7 de setembro e à presença do Presidente Fernando e do ministro Malan no desfile comemorativo à data;

- *uma seqüência verbal* que, diferentemente da legenda, não tem por função esclarecer o assunto da foto, o que poderia dar a impressão dada a justaposição foto/seqüência verbal, mas que vai detalhar as informações sintetizadas no título e no subtítulo, ou seja, a unidade cobrada por Fernando Henrique diz respeito a um acontecimento que ainda está por vir, contemporâneo à data do jornal – 08/09/99 – e que consiste numa reunião ministerial, a primeira depois da reforma de julho e da demissão de Clóvis Carvalho, cujo objetivo seria, por parte do presidente, pôr fim às divergências existentes entre ministros, propor a unidade;
- *Uma indicação de páginas* que, colocada ao final do texto, remete o leitor ao detalhamento da seqüência verbal.

Considerando, portanto, os elementos básicos que compõem o conjunto, que constituem a notícia, o que se observa é que há dois acontecimentos, dois fatos de interesse público, que foram reunidos para compor o texto.

Por um lado, uma foto, um flagrante do momento em que o presidente e um dos ministros participavam do desfile militar do 7 de setembro em Brasília, juntamente com outras autoridades. Por outro, uma informação sobre uma reunião ministerial que aconteceria no dia 8, com o detalhamento de seus objetivos.

Por que os dois acontecimentos estão reunidos formando um bloco coeso se, aparentemente, não pertencem ao mesmo momento, se dão em dias diferentes, e dizem respeito a diferentes atividades que envolveram e envolverão o presidente da República?



De um ponto de vista jornalístico, a resposta é muito clara, muito objetiva, perfeitamente sustentável enquanto articulação de informações: o presidente Fernando Henrique, no momento que participava das comemorações do Dia da Pátria, antecipou aos jornalistas o motivo da reunião ministerial do dia seguinte, ou seja, “cobrar a unidade no governo”.

Entretanto, a maneira como a notícia está diagramada, isto é, como o projeto gráfico reúne esta foto, e não outra, com os demais componentes do conjunto textual, possibilita ao leitor captar efeitos de sentido que vão além da explicação real e jornalística, porém simplista, da reunião dos dois acontecimentos. E é aqui que eu proponho que o profissional de Letras atue e, utilizando seus conhecimentos teóricos sobre linguagem, leitura, produção e recepção de textos, aponte, pelas relações estabelecidas entre a materialidade lingüística e a materialidade visual, a reiteração, a ampliação ou o redimensionamento de sentidos, mesmo em gêneros em que o esperado é a transparência textual, a utilização da linguagem como simples instrumento de informação.

Começamos pela coerente transparência e objetividade dessa notícia. Para que se possa considerar uma seqüência como um texto, é necessário que o conjunto forme uma unidade coerente e que se possa explicar essa coerência por alguns elementos que estabelecem a coesão entre as partes. Nesse caso específico, é possível dizer que estamos diante de um texto coerente, de uma notícia bem estruturada, levando em consideração os seguintes elementos que estabelecem a coesão:

- a) tanto no título, no subtítulo, quanto na foto e em sua legenda, como na seqüência verbal, o sujeito é o presidente Fernando Henrique, flagrado em atitudes públicas e governamentais e designado como “FH”, “presidente”, “FERNANDO HENRIQUE” e “O presidente Fernando Henrique”;
- b) as ações a ele atribuídas, em cada uma dessas seqüências, também funcionam como elementos de coesão, de articula-

ção entre as partes, na medida em que, no título, por meio de um verbo no presente, ele “cobra a unidade”; no subtítulo, por meio de uma paráfrase que rediz essa ação no futuro, isto é, “tentará pôr fim às divergências”, e na seqüência textual essa ação é reiterada com a afirmação “não há mais espaço no governo para divisões”.

Portanto, a questão da *unidade* aparece como o núcleo central da notícia, da ação do presidente junto aos ministros, num momento de mudança e crises ministeriais. Alguém poderia dizer que aqui há uma falácia, um engano de análise, na medida em que a foto e sua legenda não dizem respeito a essa *unidade*, a essa temática, não passando de um flagrante da participação do presidente e do ministro no desfile militar de 7 de setembro. E é aí que nós entramos para dizer que o tema da unidade do governo está presente com força interpretativa, e até mesmo com um certo humor, na foto escolhida para compor a notícia.

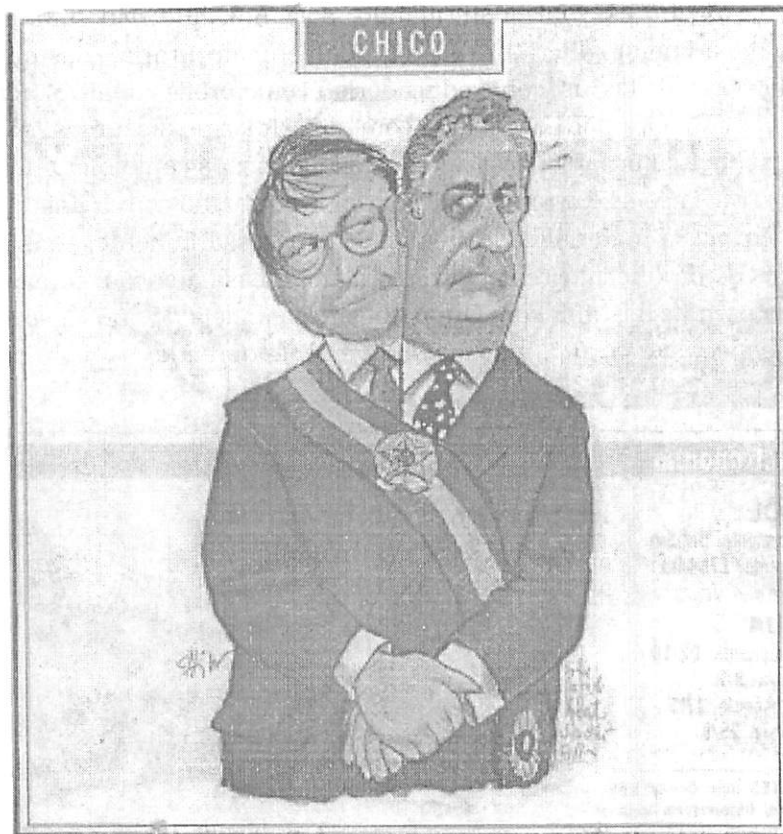
Ao corpo de Fernando Henrique, flagrado não como simples cidadão brasileiro, mas como representante da nação, da Pátria que está sendo festejada nesse dia, o que se pode confirmar pela faixa presidencial que ele ostenta, destacada em suas cores e seu emblema, junta-se a cabeça do ministro Pedro Malan, formando um todo, ou seja, um único corpo com duas cabeças. Não se pode dizer que esta não seja uma versão de *unidade*, não exatamente a pretendida pelo presidente nos demais segmentos, mas a registrada, ainda que de maneira irreverente, casual, e um tanto monstruosa, pelas lentes do fotógrafo Roberto Stuckert Filho.

Portanto, a cobrança da *unidade*, a tentativa de pôr fim as divergências entre ministros e a ausência de espaço para divisões no Governo, formas diferentes para dizer o mesmo propósito do Presidente, aparece como o tema central da notícia, configurando-se como informação objetiva mas, ao mesmo tempo, abrindo pelo inusitado da foto, uma perspectiva crítica, um efeito de sentido humorado que relativiza a realização desse objetivo.

Ainda aqui alguém poderia dizer que esse efeito de sentido está na cabeça obsessiva do analista de texto, do especialista em discurso, na medida que uma foto é sempre um flagrante da realidade e que, nesse caso, sendo uma foto jornalística, com fins muito precisos e objetivos, assinada por um fotógrafo que pode ser responsabilizado pela imagem, a interpretação é gratuita. Seria apropriada se se tratasse de uma *montagem*.

De fato o efeito é de montagem e é isso que desestabiliza a interpretação referencial e única da foto. Mesmo num gênero que se quer objetivo como o jornalístico, quer na sua dimensão textual ou visual, e especialmente nos gêneros específicos que se propõem a informar, como é o caso da notícia, e não de polemizar, despertar ou conduzir opiniões, o projeto visual como um todo pode produzir efeitos de sentido que vão além da informação, muito além da simples informação, sugerindo interpretações.

Para comprovarmos que esse projeto visual, independente da intenção ou não do produtor ou dos produtores desse texto, de fato promoveu um efeito de sentido que extrapola a informação da simples participação do presidente e do ministro no desfile militar, basta observar o mesmo jornal no dia seguinte ao da notícia. No dia 9 de setembro, portanto um dia depois da veiculação dessa notícia, o mesmo jornal *O Globo* publicou a seguinte *charge*:



O GLOBO, quinta-feira, 9 de setembro de 1999 - Ano LXXV - nº 24. 117 (Primeira Página)

Nesse espaço jornalístico destinado ao gênero *charge*, cuja função é flagrar criticamente o cotidiano político, o chargista recorta, da foto que compõe a notícia, justamente a unidade formada pelo corpo do presidente ao qual se junta a cabeça do ministro, agora também envolvido pela faixa presidencial, e na expressão de cada um, cujos olhares ganham direção diferente dos da foto, sinaliza o estranhamento dessa “monstruosa” composição. Aqui se confirma o efeito de sentido captado pelo chargista e apresentado por meio de sua charge.

Concluo esta fala reafirmando, portanto, que não somente a dicotomia língua – literatura é profundamente arbitrária, mas que ao profissional de Letras, como educador ou como profissional voltado de alguma maneira para o trabalho com os textos e os discursos, não se apresenta a alternativa dessa dicotomia, ao menos como mera divisão exclusiva, mas se lhe impõe o dever de um trabalho com a linguagem que envolve a materialidade lingüística e, necessariamente, suas condições de produção, circulação e recepção. E essa atenção, constante, é que permite assumir com Guimarães Rosa a idéia de que *Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.*